

HOMEM DOCÊNCIA COM CRIANÇAS PEQUENAS: O OLHAR DAS CRIANÇAS DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

José Edilmar de **Sousa** – UFC

Agência Financiadora – CNPq

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir a visão de crianças de uma turma de um Centro de Educação Infantil sobre o ingresso e a trajetória de um professor na instituição. O estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla que objetivou analisar o ingresso e a trajetória de dois professores em duas instituições de educação infantil a partir da visão da comunidade de professores/as, gestão, familiares e crianças pertencentes às duas instituições. A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada em um Centro de Educação Infantil e numa Escola de Ensino Fundamental com turmas de Pré-escola situadas num município da Região Metropolitana de Fortaleza, na zona urbana e rural, respectivamente. A coleta de dados se deu através de observação sistemática durante três meses nas duas instituições, além de entrevistas semiestruturadas com professores/as, gestoras famílias e crianças. Com as crianças, respeitadas as suas especificidades, as entrevistas foram feitas de forma diferenciada. No que se refere à visão das crianças foi possível constatar que o modo veem o professor varia conforme a positividade da experiência que tiveram nas interações com o professor no cotidiano pedagógico na instituição.

HOMEM DOCÊNCIA COM CRIANÇAS PEQUENAS: O OLHAR DAS CRIANÇAS DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Introdução

O presente artigo resulta de uma pesquisa cujo objetivo consistiu em compreender o ingresso e a trajetória de homens como professores em duas instituições de educação infantil a partir da visão de professores e professoras, gestão escolar, crianças e suas famílias. O objetivo desse texto é discutir a visão das crianças de uma

das instituições investigadas sobre o ingresso e a trajetória de um professor na instituição.

A presença de homens na educação infantil é um fenômeno raro frente à histórica predominância do gênero feminino no trabalho docente com crianças. Dados do Censo de Professores da Educação Básica (BRASIL, 2009), mostram que quanto menor a faixa etária das crianças, menor também é o percentual de homens que atuam na primeira etapa da educação básica. Além disso, ao adentrar em uma creche ou pré-escola é fácil constatar a escassa ou até inexistente presença de homens professores. Trata-se de um dado irrefutável em relação à composição dos quadros docentes das instituições de educação infantil, tanto que na própria literatura especializada na área, a referência à profissão docente na educação infantil remete às professoras como se pode constatar nos escritos de Oliveira-formosinho (2002) e Dieb (2004), por exemplo.

Assim, afirmar a escassez de homens no trabalho docente com crianças não representa novidade seja no cotidiano das instituições de educação infantil, seja na produção acadêmica da área. O que muitas vezes se apresenta como inovador e até mesmo alvo da admiração de favoráveis e contrários é a presença masculina na docência com crianças.

Este estudo nasce então das inquietações em torno da inserção de docentes do gênero masculino na educação infantil, que apesar de existirem em número bastante pequeno, lá estão presentes e geram a indagação sobre como se dá o seu ingresso e a trajetória num ambiente profissional considerado feminino como as instituições de educação infantil. Assim, nas próximas seções será feita uma breve contextualização de estudos sobre o tema, seguindo-se da descrição da metodologia adotada na pesquisa e finalmente a discussão sobre os sentidos atribuídos pelos sujeitos investigados ao ingresso e a trajetória de um professor num Centro de Educação Infantil. O presente texto constitui-se num recorte do estudo mais amplo que aqui discutirá apenas as visões das crianças de uma das instituições investigadas.

Homens professores de educação infantil: a instauração da polêmica

No processo de construção do objeto de estudo dessa investigação, diversos

episódios têm possibilitado constatar que a discussão sobre homens na docência com crianças pequenas mobiliza uma variedade de opiniões, atitudes e crenças em torno da aceitação ou recusa a ideia de que o trabalho com crianças pequenas em creches e pré-escolas possa ser desenvolvido por homens. Os filmes norte-americanos *A Creche do Papai* e *Um tira no jardim-de-infância* revelam o embate existente quando se trata de admitir ou não professores na educação infantil. Ressalte-se que essas produções cinematográficas não são suficientes para incitar o debate teórico em torno do tema e que os filmes citados, embora tenham o mérito de propiciar a reflexão sobre o tema, negam a relevância da formação profissional para atuar na educação infantil, o que é inconcebível, dada a importância deste elemento (a formação) à qualidade na educação infantil, “pois este ponto adquire um destaque especial no âmbito do funcionamento das escolas” (Zabalza 1998, p.59). Entretanto, são produções bastante representativas que ilustram a instauração da polêmica quando é a pauta a docência do gênero masculino na educação infantil.

A produção acadêmica sobre a docência masculina na educação infantil ainda é bastante escassa. Esta é inclusive também uma das razões que motivaram a pesquisa. No entanto, embora raros os trabalhos como são também os homens na docência com crianças pequenas, há uma pequena bibliografia sobre o tema. Alguns autores tratam a questão diretamente, outros apenas fazem menção da problemática em trabalhos com outro foco.

Um primeiro elemento a ser considerado é a histórica predominância do feminino na educação das crianças, seja no contexto informal da família, seja no ambiente formal das instituições de educação infantil. Segundo Saporoli (1997), é preciso considerar que a profissão docente na educação infantil, diferentemente de outras etapas, já nasce feminina, uma vez que são as mulheres que historicamente vêm se incumbindo da educação e cuidado das crianças. Nesse contexto, há de se considerar também que há muitas representações de gênero que foram sendo engendradas ao longo do tempo e que, embora possam ser questionadas e modificadas a partir de novos paradigmas emergentes na sociedade contemporânea, não se pode negar a força histórica que esses modos de pensar podem exercer sobre a presença masculina na educação infantil. Os constructos sobre os papéis de gênero são bastante antigos. Coutinho (2005, p.66) afirma que “na família patriarcal cabia à mãe cuidar da casa e dos/as filhos/as, enquanto ao pai não era permitido realizar tarefas domésticas, nem

cuidar das crianças”.

Num estudo sobre o processo de constituição da identidade de professoras de educação infantil que transitam entre a esfera do público e do privado, entre a família e a escola ou ainda entre o feminino e o profissional Cerisara (2002, p. 25-26) acentua que:

[...] pode-se afirmar que elas tem sido mulheres de diferentes classes sociais, de diferentes idades, de diferentes raças, com diferentes trajetórias pessoais e profissionais, com diferentes expectativas frente à sua vida pessoal e profissional, e que trabalham em uma instituição que transita entre o espaço público e o espaço doméstico, em uma profissão que guarda o traço de ambiguidade entre a função materna e a função docente (p.25-26).

Considerada essa dimensão histórica, convém avançar na discussão sobre como tem sido tratado o tema da presença masculina na educação infantil nos estudos sobre o tema. Após o pioneirismo de Saporoli (1997) e as contribuições de Jensen (1993), trabalhos como os de Cardoso (2004;2007), Sayão (2002, 2005), Souza (2010) constituem-se relevantes para essa discussão.

Cardoso (2004) observa como a chegada de um homem para trabalhar como professor de crianças suscita questionamentos acerca da sua sexualidade. No início são postos à prova e envidados a demonstrarem que têm competência. Ou seja, se no imaginário social acredita-se que apenas mulheres e não homens são hábeis na condução de atividades com crianças pequenas, aquele que opte por essa função tem de mostrar que tem capacidade para o exercício da função docente com crianças.

Ainda segundo Cardoso (2004,2007), é também recorrente uma atitude de espanto diante de algo que parece fugir às regras socialmente estabelecidas. Se no imaginário social há uma convenção de que educar/cuidar de crianças é uma atividade feminina e não masculina, é compreensível que quando homens optam pela docência com crianças sejam vistos como sujeitos desviantes que fogem ao padrão convencional.

Um fenômeno identificado sobre a docência masculina com crianças é o estranhamento bastante comum nas instituições de educação infantil frente à figura masculina ali presente, seja entre os que lhes são favoráveis, seja entre os que se mostram contrários. Segundo Sayão (2002, p.02):

No caso brasileiro, apesar de numericamente ser insignificante o número de professores do sexo masculino atuando nessas instituições, sua presença, dada às especificidades que o trabalho com as crianças pequenas suscita, é motivo de **estranhamento** por parte não só das mulheres profissionais, como também das famílias das crianças que frequentam estas instituições (grifo

meu).

Sayão (2005) fez um estudo sobre o trabalho de homens em creches da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. A autora valoriza as narrativas de vida dos professores como elementos que ajudam a compreender como se constituíram educadores infantis. Faz uso da abordagem etnográfica por meio de observação participante, entrevistas e registros de imagens. Ancorada na literatura sobre relações de gênero, a autora procura problematizar o trabalho docente na educação infantil, observando, por exemplo, que o trabalho docente, nessa etapa, sofre influência de concepções cristalizadas sobre masculinidades e feminilidades.

Jensen (1993) problematiza a participação de homens em serviços de cuidado de crianças chamando a atenção para a necessidade de relações mais iguais entre homens e mulheres no mundo do trabalho e principalmente na educação/cuidado de crianças. Segundo o autor, o que há na distribuição ocupacional dos gêneros na educação Infantil não é um número excessivo de mulheres, mas uma escassez de homens. E este fato tem explicações desde questões socioculturais a questões de ordem socioeconômica. Ou seja, os homens distanciam da docência com crianças não apenas pelos preconceitos culturalmente construídos, mas também pela histórica desvalorização profissional refletida nos baixos salários e nas precárias condições de trabalho. No sentido de superar esses obstáculos, o autor propõe estratégias que amplie a participação dos homens na educação/cuidado das crianças.

Sobre essas estratégias, Souza (2010) discorre sobre iniciativas tomadas em países europeus no sentido de estimular a participação masculina na educação/ cuidado de crianças pequenas. A autora apresenta dados estatísticos mostrando que apesar desses esforços feitos para estimular o envolvimento de homens na educação de crianças, ainda é pequeno o número de homens participando da educação/cuidado de crianças. A autora discorda da argumentação que associa o distanciamento dos homens da profissão docente com crianças aos baixos salários e às más condições de trabalho. Sobre isto ela afirma:

O argumento que relaciona a escassez de homens, neste segmento, aos baixos salários e más condições de trabalho perde sua força ao verificarmos que esse fenômeno também ocorre em países cujas condições são melhores e os salários mais altos. Mesmo em países onde foram desenvolvidos programas específicos no sentido de atrair homens para o trabalho em instituições de educação e cuidado da primeira infância, como Noruega, Dinamarca e Reino Unido, a participação masculina ainda permanece irrisória (OCDE, 2002) (SOUZA, 2010, p.20).

Analisando as posições dos dois últimos autores citados é possível perceber um confronto em relação ao baixo número de homens na docência com crianças pequenas. Assim, qual o argumento mais condizente com a realidade? Não se trata de polarizar a discussão pondo como duas únicas possibilidades de explicação para o fenômeno. Isso não é aconselhável. Contudo, o que tem sido possível perceber de ambos os autores é que Jensen (1993) parece

apresentar uma visão mais crítica, uma vez que não coloca o problema do afastamento dos homens apenas sob a influência da questão salarial e das condições de trabalho. De forma lúcida, o autor defende que há diversos fatores que interferem nessa realidade. Isso não significa dizer que Souza (2010) também não considere que há outros fatores, mas que a autora talvez se precipite na sua crítica apontando a ineficácia das políticas incrementadas no sentido de estimular a presença masculina na educação/cuidado de crianças em alguns países.

É necessário reconhecer que o problema tem muito mais amplitude. Olhar para a histórica desvalorização da educação infantil em geral e conseqüentemente dos seus profissionais faz sentido quando se observa que o segmento sofre impactos na distribuição ocupacional dos gêneros. Vale considerar que historicamente a educação infantil tem sido desvalorizada mesmo. A herança do ideário de cunho assistencialista ainda pesa sobre a realidade da educação infantil. Sendo assim, não é aceitável, porém, explicável porque os recursos para a educação infantil sejam sempre mais escassos. A baixa escolaridade dos/as profissionais, a formação deficiente são alguns dos exemplos que evidenciam o quanto a educação infantil é relegada diante de outros segmentos educacionais. No Brasil, por exemplo, as ênfases das políticas públicas educacionais para o ensino fundamental ilustram esse fato. Ressalte-se que tem havido conquistas importantes como a inclusão da educação infantil na Educação Básica e a exigência de formação específica, conforme a LDB, por exemplo.

Outro elemento para a reflexão sobre a escassez de homens na educação infantil é a associação das atividades educação/cuidado à maternidade e das atitudes grosseiras aos homens. É comum, por exemplo, famílias reagirem negativamente à chegada do de um docente homem na educação infantil, por medo de que aconteçam casos de pedofilia, algo que é bastante difundido na mídia que não deixa de ser um veículo que influencia a opinião das pessoas, além dos casos realmente existentes.

Tal fato evidencia que o problema não pode ser analisado sob ângulos isolados, pois existem fatores que o torna mais complexo e mais difícil de apreendê-lo em sua totalidade. Mais aconselhável é considerar que existem sim variados aspectos que se entrelaçam e procurar o mais possível, construir uma visão crítica sobre os fatos sem esbarrar em extremismos ingênuos que não resolvem, senão torna mais polêmica a discussão, tolhe o debate e ao invés de resolução do problema, tem-se mais ainda a sua agravação.

Tem-se observado também que os homens que optam pela docência na educação infantil, dificilmente seguem carreira. Não se ouve falar de homens que tenham se aposentado como professores de educação infantil. Pelo contrário, ainda que passem algum tempo nessa função num momento oportuno encontram algum mecanismo de fuga e deixam o trabalho direto com as crianças. Geralmente, direcionam-se para outros cargos nas secretárias de educação

como, por exemplo, coordenação ou supervisão pedagógica. E quando atuam na docência com crianças nem sempre assumem a condução efetiva de uma turma. Engajam-se em atividades de educação física, recreação etc.

Cardoso (2004) afirma que entre os nove participantes de sua pesquisa sobre a construção da identidade docente de professores de crianças pequenas, cada um narra como foi se distanciando da docência e assumindo outras funções no âmbito educacional. A não permanência na função docente é justificada pelos professores pelas condições de trabalho. Na docência, além dos salários serem mais baixos, as atividades expõe os/as trabalhadores/as ao trabalho árduo e por consequência ao cansaço e desgaste físico e psicológico. É daí que professores se voltam para cargos administrativos. Isso é tão obvio que as mulheres também mudam de função quando há uma oportunidade. Nesse sentido são poucos apenas os homens que optam pela docência e também são raros mais ainda os que traçam trajetória mais longa como docente de crianças pequenas.

Esse quadro descrito pela literatura sobre o tema possibilita afirmar que é relevante investigar sobre a atuação masculina na educação infantil ou como se dá o seu ingresso e a sua trajetória numa instituição de educação infantil. Adentrar na cotidianidade de uma instituição de educação infantil pode ser uma via metodológica para tentar compreender a inserção de homens na docência com crianças. Na esteira desse entendimento é o que o presente estudo se voltou para a cotidianidade das instituições de educação infantil procurando apreender os sentidos que os diferentes sujeitos envolvidos no processo educativo das crianças, inclusive elas próprias.

Desenvolvimento metodológico da pesquisa

O estudo envolveu sujeitos de um Centro de Educação Infantil da zona urbana de um município da Região Metropolitana de Fortaleza e uma escola de ensino fundamental com turmas de pré-escola da zona rural. As duas instituições foram escolhidas por atenderem o critério de haver docentes homens atuando na docência com crianças da educação infantil.

A pesquisa pautou-se numa abordagem qualitativa, constituindo-se num estudo de casos múltiplos porque se trata de uma investigação em dois contextos distintos sobre um mesmo fenômeno: o ingresso e a trajetória de homens como professores de educação infantil. Yin (2005, p. 33) corrobora essa compreensão ao afirmar que “a pesquisa de estudo de caso inclui tanto estudos de um caso único quanto de casos múltiplos”. Em se tratando desta pesquisa, ocorrem casos múltiplos.

No delineamento metodológico da pesquisa, foram realizadas observações sistemáticas durante três meses nas duas instituições com a finalidade de identificar no cotidiano das instituições as relações, atitudes e representações circulantes no contexto que possibilitassem apreender o ingresso e a trajetória dos professores. Paralelo às observações foram realizadas entrevistas com os dois professores, as professoras, gestoras, famílias e crianças, a fim de apreender os sentidos, reações e atitudes frente à presença dos docentes homens na educação infantil.

Num primeiro momento, foi feito o contato com a gestão escolar e os dois professores em foco a fim de esclarecer a finalidade da pesquisa e obter o aceite para participação na pesquisa firmado por meio da assinatura de Termo de Consentimento de Livre e Esclarecido, seguindo-se iguais procedimentos com as professoras e familiares das crianças. A entrevista com as crianças aconteceu na última etapa por ser necessário tanto a autorização dos pais ou responsáveis como também a adesão voluntária das crianças. A inclusão das crianças na pesquisa se deu a partir da compreensão de que elas são sujeitos ativos, competentes e capazes de também fornecer elementos para a compreensão da realidade. Além da autorização escrita dos pais, as crianças foram convidadas para colaborar com a pesquisa, respeitando-se o direito de não participar àquelas que recusaram. As entrevistas com a gestão e com os docentes foram feitas nas duas instituições investigadas. Parte das entrevistas com os pais foram feitas nas instituições e outra em seus domicílios em função da disponibilidade ou vontade dos entrevistados. No caso da entrevista com as crianças foram feitas em grupos de quatro crianças, sendo dois meninos e duas meninas a fim de proporcionar um ambiente livre de qualquer força coercitiva sobre as crianças e deixá-las à vontade para expressar seus sentimentos e formas de pensar em relação à presença do professor na instituição.

Para a entrevista com as crianças, considerando-se as suas especificidades, foi desenvolvida uma estratégia denominada como história para completar como mote para iniciar a conversa (entrevista) sobre homens como professores de crianças. Foi apresentada uma situação fictícia de uma creche recém construída, cujas crianças estariam sem docente e as crianças entrevistadas ajudariam então a escolher os professores ou professoras para compor o quadro docente da instituição. Para tanto, foram dispostas imagens desenhadas de homens e mulheres que poderiam ser selecionados pelas crianças. Seguindo à seleção, as crianças foram indagadas sobre as razões pelas escolhas e por fim, responderam perguntas diretamente relacionadas ao seu

professor. Todos os nomes próprios referentes aos sujeitos e às instituições investigadas mencionados nesse trabalho são fictícios a fim de preservar o seu anonimato.

O olhar das crianças sobre um homem professor de educação infantil

Das quatro crianças entrevistadas no primeiro grupo, três delas (William, Fabrício e Carla) escolhem um professor para as crianças da creche fictícia. Apenas uma criança (Virginia) escolheu uma professora. As crianças falam de um lugar não apenas de quem observa, mas também de quem vivencia ter um professor em sua sala. Embora as crianças estejam inseridas num contexto sociocultural em que circulam representações sociais sobre o ser professor, o ser homem, o ser mulher etc., a sua própria experiência lhes dá mais autoridade para falar a respeito de homens na educação infantil.

As nove crianças entrevistadas no CEI Mundo da Fantasia apresentam diferentes opiniões sobre homem professor de educação infantil. Diante da situação hipotética em que foram solicitadas a selecionarem docentes para uma escola recém construída, as crianças fizeram diferentes escolhas. As nove crianças da turma do professor Arnaldo foram entrevistadas em três grupos: o primeiro, composto por dois meninos e duas meninas, o segundo formado por dois meninos e uma menina e o último por dois meninos.

Virginia escolheu uma professora e justificou de acordo com suas experiências em sala, a sua escolha. Para ela, professora é melhor do que professor porque esse último as põe de castigo. As demais crianças tiveram certa dificuldade de argumentar porque escolheram um professor. Depois de ouvirem a argumentação de Virginia, restringiram-se a repetir que sua escolha pautava-se no fato de o professor colocá-las ou não de castigo.

Este tema passou a ser o fio condutor da conversa com as crianças. Elas entram num embate questionando Virginia, pois segundo elas, as mulheres também botam de castigo, remetendo-se a experiências anteriores com professoras e com o professor Arnaldo. Ao responder por que escolheu uma professora, Virginia afirma: - “é porque meu professor me bota de castigo que eu não faço dever”. Em seguida Fábio, que escolheu um professor, justifica de forma semelhante: - “porque o professor não botou eu de castigo”. Depois que Virginia expõe seu argumento, as outras crianças confirmam que o professor as põe mesmo de castigo. Daí em diante as crianças ficam impregnadas pelo argumento de Virginia. Ao que parece indicar o discurso das crianças, essa experiência é muito presente em seu cotidiano. Virginia então associa as punições /castigos aos professores, mas, ao ser questionada por seus/suas colegas,

recorda experiências de castigo também com professoras.

Quando as crianças são incitadas a escolher uma opção de creche caso tivessem de escolher entre as três que lhe foram apresentadas (entre uma creche com apenas professores, somente com professoras ou com ambos), essas quatro crianças se dividem em suas opiniões orientando suas escolhas pela experiência de castigo que elas têm vivenciado. William e Fabrício escolheriam a creche só com homens porque eles não os põem de castigo. Carla escolheria uma creche com professores e professoras, pois, segundo ela tanto homens como mulheres põem de castigo. Já para Virginia seria melhor creche só com professoras, pois “elas não botam de castigo e eles botam”.

No segundo momento em que as crianças são indagadas acerca da experiência com o professor, afirmam que “acharam legal” quando souberam que teriam um professor no lugar da professora. As crianças afirmam gostar do professor. Inicialmente afirmam que se tivessem a possibilidade de mudar para uma professora não mudariam porque gostam dele. No entanto, Carla afirma que mudaria para uma professora, porque gostou primeiro de uma professora, mas também gosta do professor. Carla ainda faz menção de um castigo em que ficara sem recreio, por essa razão, ela (Carla) e William mudariam para uma professora. Virginia e Fabrício, porém, permaneceriam com o professor.

Portanto, para essas quatro crianças, o castigo é o critério para avaliar o ingresso e a trajetória do professor Arnaldo em sua turma. Fabrício, por exemplo, demonstra preferência e satisfação quanto ao professor o tempo todo, pois é uma criança que “não se dana” segundo confirmam as outras três crianças que, diferentemente se danam e, por conseguinte são postas de castigo. Sendo os castigos critérios utilizados pelas crianças para avaliar o ingresso e trajetória do professor na instituição, é possível inferir que, pelo menos para essas quatro crianças, não é o gênero um elemento definidor das suas escolhas, mas a prática pedagógica que vivenciam, ou seja, o modo como o professor interage com elas no dia-a-dia das atividades no CEI. Essa alusão ao castigo pelas crianças não é uma novidade desta pesquisa. Cruz (2009) constata que a aplicação de castigos pelo descumprimento de tarefas impostas pela professora é bastante focalizada pelas crianças em grande parte dos instrumentos que a autora utiliza para apreender as visões das crianças sobre a pré-escola.

O segundo grupo, composto por dois meninos e uma menina, na seleção de professores/as para a creche fictícia, os dois meninos escolhem dois professores e a menina escolhe uma professora. Ao justificarem suas escolhas, argumentam que escolheram em função da cor da roupa do/a professor/a que coincide com as suas cores prediletas. Jarbas escolheu o professor de blusa verde, Edmar escolheu o professor de blusa laranja e Hívina escolhe a professora de blusa rosa. Jarbas iniciou afirmando: “– o meu é o verde” e em seguida Edmar e

Hívina seguem repetindo o mesmo argumento com relação à cor laranja e rosa, respectivamente. Porém havia também uma mulher de blusa laranja o que gerou a necessidade de perguntar para Edmar porque escolheu o homem se havia também uma mulher de blusa laranja. Edmar apresenta outro argumento: “eu num gosto de mulher não, eu gosto de homem”. Influenciados pela resposta de Edmar, Jarbas e Hívina acrescentam que sua escolha se deu também por que ele gosta mais de homens e ela gosta mais de mulheres. Logo se percebe que a cor não foi elemento definidor das escolhas das crianças. Os meninos escolhem professores e a menina escolhe professora. A identificação de gênero aparece nas entrelinhas das do discurso das crianças. Louro (2004) afirma que essa polarização dos gêneros está presente nas relações sociais entre homens e mulheres e é uma construção social e histórica. Esse fato reflete de algum modo no processo de construção da identidade de gênero das crianças (SAYÃO 2002b). Portanto, as escolhas das crianças já refletem a sua noção de pertença a um (menino → homem) e a outro gênero (menina → mulher).

Na outra situação em que foram impelidas a escolher uma creche apenas com professores, apenas com professoras ou com ambos, as três crianças se dividiram. Edmar e Hívina prefeririam a creche que tivesse tanto professores como professoras, argumentando que na creche há meninos e meninas sendo, portanto, necessário homem e mulher. Jarbas, ao contrário, é incisivo ao escolher uma creche apenas com professores chegando a sugerir uma creche com professores para os meninos e outra com professoras para as meninas. “Porque tu num coloca homem com homem e mulher com mulher?”. Depois de ouvir o argumento de Hívina e Edmar, Jarbas muda de ideia e diz que também quer a creche que tem professores e professoras.

No momento de perguntas específicas sobre o professor Arnaldo, as crianças afirmam não se lembrar de quando começaram a estudar com o professor. Jarbas apenas afirma que o professor Arnaldo é seu padrinho. As três crianças afirmam gostar do professor Arnaldo. E ao serem indagadas se mudariam de professor para professora, somente Hívina mudaria reafirmando que gosta mais de professoras. Enquanto isso, os meninos também reafirmam que não mudaria porque gostam muito do professor. Constata-se que a noção de pertença ao gênero para essas três crianças é que orienta as suas escolhas.

O terceiro e último grupo de crianças entrevistadas na turma do professor Arnaldo é composto apenas por dois meninos: Ulisses e Joel. Na seleção de docentes para a creche fictícia, Ulisses escolheu uma professora. Joel mostrou-se bastante confuso: escolheu um professor, depois mudou para professora e por fim optou por um professor novamente. Eles também tiveram bastante dificuldade de explicar o motivo de suas escolhas. Eles se limitaram a responder que fizeram tais escolhas simplesmente porque quiseram. Essa justificativa repetida

inquietava um pouco porque parecia haver algo mais por trás dessas escolhas, porém, eles não explicitaram.

Na continuação da entrevista, outras informações que explicam a opção de Ulisses e Joel foram sendo desveladas. Se tivesse de escolher uma creche só com professores, só com professoras ou com ambos, Ulisses escolheria uma creche apenas com docentes homens enquanto Joel escolheria a creche com docentes mulheres. Como na escolha inicial de docentes para a creche fictícia, ambos apresentaram como explicação para as suas escolhas o simples fato de assim o desejar.

Como as demais crianças entrevistadas, Ulisses e Joel afirmam não se lembrar do momento inicial em que o Professor Arnaldo assumiu a turma. Ulisses tem lembrança de ter conhecido o professor na casa dele. Joel conheceu o professor na rua e isso pode ter sido não apenas pelo fato de o professor morar no mesmo bairro, mas também porque, como liderança política, em épocas de campanha eleitoral percorre toda a região procurando angariar votos para os seus candidatos. Joel forneceu uma informação que talvez explique sua indecisão inicial no momento da escolha do/a docente para a creche fictícia e para a sua escolha por creches apenas com docentes mulheres conforme foi dito anteriormente. Logo depois de falar que conheceu o professor na rua, Joel afirmou que acha ruim porque o professor “bota para escrever muito nome” fazendo alusão às inúmeras tarefas repetitivas em que tem de copiar palavras do quadro, fazer atividades mimeografadas e outras próprias de uma postura tradicional de ensino. Depois que o colega expressou sua insatisfação com a prática pedagógica do professor, Ulisses pareceu se sentir mais livre para falar de seu parecer a respeito do trabalho cotidiano do professor em sala. Se tivesse a oportunidade de mudar de professor para professora, Ulisses mudaria porque, segundo ele, a professora “bota pouco nome” e, além disso, ela deixava brincar.

Ulisses traz um dado novo: na sala havia uma caixa cheia de brinquedos guardada no último degrau da estante e as crianças e, apesar de desejarem muito, não tinham acesso a esses brinquedos. Segundo Ulisses, a professora anterior os deixava brincar à medida que faziam as tarefas e o professor Arnaldo não permitia isso nem mesmo sob essa condição. Joel também mudaria de professor para professora e repete que a professora seria melhor porque quer que “bote menos nome”, isto é, menos tarefas cansativas como, por exemplo, copiar palavras do quadro. Essas informações foram surpreendentes principalmente porque os meninos se mostraram bastante tímidos no início da entrevista, mas é provável que à medida que foram se sentindo mais seguros, foram revelando suas inquietações sobre a prática pedagógica do professor que inclusive consistem nos critérios que utilizam para ter preferência por professoras a professores. Um pequeno trecho da entrevista com Joel e Ulisses é bastante ilustrativo a respeito dessas informações que eles trouxeram a respeito da prática pedagógica do professor

Arnaldo:

Entrevistador:- Digam-me uma coisa: quando vocês chegaram aqui na escola que viram assim: ah agora o professor vai ser o professor Arnaldo. Como foi que vocês pensaram ou o que foi que vocês pensaram?

Ulisses:- ruim.

Entrevistador:- por quê? Por que que vocês acharam ruim Ulisses? E o Joel o que achou?

Ulisses:- Por causa que o professor botava muito.

Entrevistador:- Botava muito o quê?

Ulisses:- Nome.

Entrevistador:- Nome? Como é nome?

Ulisses:- Eu num já disse?

Entrevistador:- ah foi, eu esqueci. É verdade. E me digam outra coisa: se vocês pudessem hoje mudar pra uma professora, vocês mudariam ou continuaria com o professor Arnaldo?

Ulisses:- mudaria.

Entrevistador:- Mudaria?

Ulisses:- Haham. (balança a cabeça afirmando que sim).

Entrevistador:- por que vocês mudariam?

Ulisses:- De mulher.

Joel:- Porque a gente quer.

Entrevistador:- Vocês querem mulher é isso?

Ulisses:- Huhum.

Ulisses:- Ela bota pouco nome.

Entrevistador:- Ah é? Bota pouco nome? Deixa eu só perguntar para vê se eu entendi: botar pouco nome é botar poucas tarefas é?

Ulisses:- É.

Entrevistador:- É? Por que o professor coloca muita tarefa É? Vocês num gostam muito de tarefa?

Joel:- Não.

A longa conversa com os dois meninos continuou com afirmações acerca das concessões feitas pela professora anterior comparada ao professor Arnaldo que, ao contrário dela, passava mais X (mais nomes para fazer) e ainda as impedia de brincar.

As representações das crianças em torno do ingresso e da trajetória do professor Arnaldo no CEI Mundo da Fantasia estão bastante impregnadas da experiência que elas têm tido durante esse ano em que passaram um semestre com uma

professora e mudaram para um professor há cerca de quatro meses. Carregam singularidades da prática pedagógica do professor e da própria subjetividade das crianças. Assim, se elas se identificam com o professor ou o conhecem melhor e ficam satisfeitas, tendem a aceitar de forma mais positiva a sua inserção no CEI. Se, pelo contrário, elas o conhecem menos e/ou vivenciam experiências negativas como as punições a que fizeram referência, inclinam-se a rejeitar o professor reivindicando a figura feminina oriunda da professora anterior ao professor.

Os relatos das crianças evidenciam que elas são sensíveis às práticas pedagógicas de que participam. Ter experiências positivas ou negativas tem implicações nas suas escolhas. O gênero pode ser um elemento que influencia nas decisões das crianças como foi possível observar no segundo grupo entrevistado na turma do professor Arnaldo. No entanto, mais que isso, o que leva as crianças a aceitarem bem ou não o/a docente não é tanto o gênero quanto o fato de terem ou não experiências positivas em sala independente de o/a docente ser um homem ou uma mulher.

Enfim, o que dizer do ingresso e da trajetória do professor Arnaldo no CEI Mundo da Fantasia a partir de sua própria visão e da comunidade escolar que participa desse processo? O professor concursado para a área de educação infantil chega ao CEI para assumir a turma do maternal e do jardim II. O próprio professor avalia que houve uma avaliação positiva por parte das famílias porque já o conheciam e do corpo docente e administrativo porque já sabiam de seu encaminhamento para o CEI pela SME.

A diretora, encontrando-se na encruzilhada entre a SME (instância superior a quem se submete), as famílias das crianças, o professor, as professoras e as próprias crianças, assinala que não houve problemas, exceto o estranhamento de crianças do maternal quanto à mudança (de professora para professor) e a apreensão inicial de algumas mães quanto à condução das meninas ao banheiro. Em função disso, ficou estabelecido que as meninas da sala do professor Arnaldo usariam apenas o banheiro da diretoria sendo sempre conduzidas por uma mulher.

As professoras não se arriscam a falar muito do professor propriamente, detendo-se mais em discorrer sobre a docência na educação infantil como uma profissão mais adequada para mulheres, embora afirmem que não são contra homens serem professores de educação infantil. Há algumas ambiguidades no discurso das docentes que ao mesmo tempo em que afirmam que o trabalho na educação infantil se adéqua

mais ao feminino, têm o cuidado de dizer que não são contra o masculino atuando como docente nessa etapa.

Entre as famílias, as mães entrevistadas salientam a importância de o professor atender às expectativas relacionadas à aprendizagem das crianças, dividindo-se entre as que entendem a profissão docente nessa etapa como uma profissão feminina e aqueles/as que consideram normal a presença do professor na instituição e fazem uma avaliação positiva do ingresso e da trajetória do professor no curto período compreendido entre agosto e dezembro de 2010.

As crianças, finalmente, pautando-se na experiência concreta com o professor em sala ou na noção de pertença ao gênero (masculino ou feminino) tendem a avaliar o ingresso e a trajetória do professor de forma positiva ou negativa, de acordo com o que vivenciaram ou estão vivenciando com ele. Assim, se vivem uma experiência positiva, tendem a avaliar bem e vice-versa. Para as crianças, as experiências influenciam muito mais suas escolhas, sentimentos e opiniões (representações) do que a distinção de gênero, embora esta não deixe de ser levada em conta.

Considerações finais

Este trabalho, como parte de uma discussão mais ampla sobre a presença masculina na docência com crianças da educação infantil, propiciou apreender os diferentes sentidos que a comunidade escolar atribui ao trabalho docente desenvolvido por homens numa instituição de educação infantil.

No recorte aqui apresentado, as visões das crianças tomaram ênfase a partir do entendimento de que elas são sujeitos, tanto quanto os adultos, capazes de fornecer elementos para a compreensão do fenômeno investigado. Foi possível constatar que as experiências positivas ou negativas que elas têm com o professor são um dos elementos definidores da sua aceitação ou não pelas crianças. O gênero é um fator de influência, no entanto, para as crianças o mais importante não é ter um professor ou professora, mas um profissional que lhes propicie experiências significativas. Para elas, poder brincar e diminuir as tarefas enfadonhas, por exemplo, é bastante decisivo para fundamentar as suas escolhas.

Assim, o trabalho aqui apresentado não teve e nem poderia esgotar a discussão sobre o tema da docência masculina na educação infantil. Antes fornece

algumas pistas para o desvelamento das questões relacionadas, no entanto, deixa em aberto uma gama de questionamentos que podem servir de ponto de partidas para profícuas pesquisas sobre um tema relevante, porém, ainda pouco investigado.

Referências

BRASIL, **Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007** / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília: Inep, 2009. 2009.

CARDOSO, F. A. **Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças.** Dissertação de Mestrado em Educação, Belo Horizonte: UFMG, 2004.

_____, **Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças.** In: 30ª. Reunião Anual da Anped, 2007, Caxambu. Anais. Minas Gerais: ANPED, 2007

CERISARA, A. B. **Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional.** São Paulo: Cortez Editora, 2002.

DIEB, M. H. **Educação infantil e formação docente: um estudo em representações sociais,** Fortaleza, UFC – Dissertação de Mestrado em Educação, 2004.

JENSEN, J. J. **Homens em serviços de cuidados de crianças – um artigo para discussão in:** Seminário Internacional **Homens no cuidado de crianças:** visando uma cultura de responsabilidade, divisão e reciprocidade entre os gêneros no cuidado de crianças, Ravenna, Itália – 21-22 de maio de 1993 (Traduzido por Deborah Thomé Sayão.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **O desenvolvimento profissional das educadoras de infância:** entre os saberes e os afetos, entre a sala e o mundo. In: FORMOSINHO, Júlia & KISHIMOTO, Tizuko (org.). **Formação em Contexto:** uma estratégia de integração. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SAPAROLLI, E. C. L. **Educador infantil:** uma ocupação de gênero feminino. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Psicologia social – Universidade de São Paulo, 1997.

SAYÃO. Deborah Thomé. **Relações de gênero na creche:** os homens no cuidado e educação das crianças. In: 25ª. Reunião Anual da Anped, 2002, Caxambu. Anais. Minas Gerais: Anped, 2002a

_____. **A construção de identidades e papéis de gênero na infância:** articulando temas

para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. IN: Revista Pensar a Prática (v. 5): 1-14, Jul./Jun. 2001-2002b.

SAYÃO, D. T. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil**: um estudo de professores em creche. Florianópolis: UFSC – Tese de Doutorado, 2005.

SOUZA, Mara Ísis de. **Homem como professor de creche**: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais. Ribeirão Preto – SP: Dissertação de mestrado, USP, 2010.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005, 3ª edição.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.